



AVANÇO DAS DIREITAS, RETROCESSO DOS DIREITOS!

Entrevista Especial com o Prof. Dr. Ivan Henrique Mattos Silva¹
Entrevistadora: Profa. Dra. Arleth Santos Borges²

DOI: <https://dx.doi.org/10.18764/2178-2865v29n1.2025.16>

Entrevistadora: Em termos mais gerais, Estados Unidos, Turquia, Polônia, Hungria, França, Espanha, Grécia, Suécia, Holanda, Brasil, Argentina, são exemplos, variados e distintos, de países onde, desde a segunda década deste século, temos acompanhado o avanço da extrema direita. O que está acontecendo no mundo?

Ivan Henrique Mattos Silva: Como sustenta Traverso (2021), a ascensão da extrema direita contemporânea (que, aqui, será também referenciada sob o conceito de novas direitas, dada sua configuração distintiva aliada à multiplicidade de suas formas) é um fenômeno necessariamente global, embora os fundamentos causais específicos de cada caso respondam a particularidades restritas às conjunturas locais. Ainda que esforços de universalização analítica impliquem em riscos epistemológicos evidentes, parece haver um elemento comum em todos esses casos: a crise estrutural do capitalismo em seu regime de acumulação pós-fordista, evidenciada a partir da debacle de 2008, é o *leitmotiv* da ascensão desses novos grupos políticos viabilizada pela corrosão do pacto social que organizou, ideológica e materialmente, aquilo que Streck (2018) define como o capitalismo democrático – discursivamente ancorado, sobretudo a partir de meados do século XX, na promessa de universalização dos frutos do progresso e de melhoria permanente das condições de vida de todas as classes sociais.

¹ Bacharelado em Ciências Sociais (UFSCar). Mestrado e doutorado em Ciência Política pela UFSCar, com estágio sanduíche na Brown University. Professor Adjunto de Ciência Política na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Vice Coordenador geral do Laboratório de Estudos Geopolíticos da Amazônia Legal (LEGAL) e, atualmente, Coordenador-Geral de Políticas Temáticas na Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

² Graduação em Serviço Social (UFMA), mestre em Ciência Política pela Universidade /estadual de Campinas (UNICAMP) e doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Coordenadora, no Maranhão, do Laboratório de Estudos Geopolíticos da Amazônia Legal (LEGAL). Professora Associada de Ciência Política na UFMA. Tem estudos e publicações nas áreas de partidos políticos, poder legislativo, ditadura militar e direitos humanos.

A análise que Gramsci (2017) faz da crise italiana do final do século XIX e início do século XX fornece um arcabouço teórico e metodológico fundamental para a compreensão da extrema direita contemporânea: a consolidação dos subalternos como agentes políticos – a partir da expansão do sufrágio, na esteira de enormes lutas sociais – imprime uma mudança profunda ao processo de dominação: não bastava, mais, à burguesia que se configurasse enquanto classe dominante – exercendo essa dominação fática por intermédio do controle do aparato jurídico e do monopólio estatal da violência legítima. Agora, era preciso que ela também se configurasse como classe dominante, conduzindo de maneira razoavelmente orgânica o processo social por meio da universalização de sua ideologia, ou seja, da construção de hegemonia. O Estado, portanto, passa a se ancorar em um misto de coerção e convencimento (Gramsci, 2017, Fresu, 2020).

As crises estruturais do capitalismo dificultam a manutenção da hegemonia liberal-burguesa na exata medida em que trazem à luz as contradições mais elementares do capitalismo. Situações assim não apenas afastam os grupos sociais de suas expressões políticas e institucionais tradicionais, e favorecem o surgimento de soluções de força e de um subversivismo reacionário, capaz de capturar o signo da revolta generalizada em uma chave contrarrevolucionária (FRESU, 2020).

Entrevistadora: O que tudo isso tem a ver com o capitalismo neoliberal? A união entre liberalismo e democracia gestada no pós-guerra está se dissolvendo e abrindo passagem para uma espécie de darwinismo social ou, nas palavras de Yascha Mounk, um mundo iliberal de democracia sem direitos?

Ivan Henrique Mattos Silva: É impossível compreender a ascensão das novas direitas sem compreendê-la como um subproduto da crise da sociabilidade neoliberal. E, aqui, são importantes duas considerações complementares: uma a respeito do que significa, de fato, o neoliberalismo, e outra a respeito da relação entre liberalismo e democracia.

Há, pelo menos, três dimensões complementares do neoliberalismo que precisam ser consideradas: em primeiro lugar, neoliberalismo corresponde a um novo regime de acumulação capitalista (Harvey, 2005), marcado pelo ocaso do modelo fordista, que se sustentava na estruturação de um capitalismo de matriz industrial, com grandes linhas de produção hierarquizadas, e apoiado na perspectiva de ganho real nos salários de trabalhadores e trabalhadoras, substituído por estruturas produtivas mais flexíveis, desterritorializadas e atomizadas, *pari passu* com um processo de precarização do trabalho e identificação do mercado como lócus exclusivo de sociabilidade; em segundo lugar, o neoliberalismo também corresponde a um novo modo de subjetivação estruturado a partir de um modelo de governo de si mesmo enquanto empresa (Dardot; Laval, 2016) – a ética do empreendedorismo –; e, em terceiro lugar, dada a reconfiguração da ação estatal nos marcos do

neoliberalismo (garantia dos contratos e reposição permanente dos mecanismos de competição de mercado, empurrando para o mercado todas as esferas até então compreendidas como serviços sociais), o neoliberalismo favorece a elevação da família patriarcal à condição de categoria ordenadora do mundo social (Cooper, 2017), na exata medida em que opera como um espaço de sociabilidade não tensionador e que enseja a transmissão intergeracional da competição como um valor distintivo.

Essa conjunção de características enseja um padrão de sociabilidade que, a partir da negação da *polis* e da hipertrofia do individualismo competitivo, favorece a desdemocratização da vida social, como sugere Wendy Brown (2019). E aqui entra a segunda observação: a despeito da retórica civilizatória do liberalismo, sobretudo durante a fase revolucionária da burguesia, a associação entre liberalismo e democracia é apenas circunstancial e episódica (e, ainda assim, recortada e formal).

O humanismo formalmente universalista do liberalismo enseja uma compreensão fragmentada dos direitos humanos na exata medida em que enseja uma concepção apenas formalmente universal de humanidade (Césaire, 2020; Fanon, 2021). Ao empunhar o estandarte da liberdade universal no alvorecer da Modernidade, e, por conseguinte, vincular o pertencimento à humanidade, enquanto espécie, ao pertencimento a esse espaço do universal, o liberalismo operou dois processos simultâneos: por um lado, construiu um ideal de universalidade que nada mais era do que a extrapolação universal do homem particular europeu enquanto ser humano em estado puro (Césaire, 2020); e, por outro – como condição epistemológica e ideológica para a viabilização do primeiro processo –, construiu a racialização das relações sociais (Fanon, 2021) de maneira hierarquizada.

Ou seja, a contradição entre uma teoria universalista e igualitária e uma prática colonial e escravista podia ser formalmente resolvida na medida em que o espaço da universalidade foi particularizado pela figura do homem europeu – medida da humanidade a partir da qual os demais grupos sociais não podiam se definir a não ser por aproximação ou contraposição (como, por exemplo, nas noções de “segundo sexo” ou “pessoas de cor”). Assim, o liberalismo poderia seguir empunhando a bandeira da liberdade universal *pari passu* com a viabilização da barbárie do colonialismo graças ao instituto do racismo, condição estrutural da sociabilidade capitalista porque funcional (política e economicamente) à reprodução ampliada do capital (Almeida, 2019).

Entrevistadora: Você identifica componentes de classe nesses líderes e movimentos extremistas e de feições populistas?

Ivan Henrique Mattos Silva: Caracterizado pelo enfraquecimento dos vínculos coletivos (Pinheiro-Machado, 2019), o neoliberalismo promove transformações profundas no mundo do trabalho — como a terceirização e a precarização — em resposta às exigências da nova lógica de acumulação típica do

período pós-fordista. Essas transformações produzem uma classe trabalhadora de novo tipo, fortemente marcada pela desregulamentação do mercado de trabalho, pela atomização do processo produtivo e pela flexibilização: o precariado. Nesse cenário, as novas formas tradicionais de vínculo empregatício tornam-se cada vez mais obscuras, encobrendo as relações de exploração por meio de uma aparente autonomia, muitas vezes interpretada como liberdade para empreender. Essa condição, marcada historicamente por instabilidade, flexibilidade forçada e isolamento social, favorece a adesão a duas lógicas que se consolidam no imaginário social: a ética do empreendedorismo e a teologia da prosperidade (Chauí, 2013; Almeida, 2019).

Em um contexto de crise profunda, marcada pela queda significativa dos padrões de vida de expressivas parcelas da população, e pela existência de limites estruturais à imaginação política das esquerdas tradicionais (fortemente marcadas por uma adesão acrítica a um padrão de sociabilidade em crise), as novas direitas se apresentam discursivamente como a expressão *par excellence* do precariado, mobilizando ideologicamente suas agruras e frustrações em uma chave contrarrevolucionária no sentido da promessa de uma dupla redenção (transcendente e imanente) que seria obtida a partir de uma ruptura completa com o “sistema”.

Entrevistadora: Temos assistido a sistemáticas iniciativas de desacreditação nas instituições democráticas pelos extremistas de direita. O que você pode dizer sobre os alvos e os desdobramentos dessas investidas?

Ivan Henrique Mattos Silva: Para além dos ataques e da desacreditação direcionadas às instituições típicas das democracias liberais, há outro ataque fundamental direcionado ao enfraquecimento da ciência e das instituições científicas, pedagógicas e culturais como espaços legítimos de produção e reprodução de regimes de verdade.

Seja colocando a culpa da Escola de Frankfurt – como no caso das novas direitas nos Estados Unidos e em parte da Europa –, seja identificando no resgate da obra gramsciana uma guinada estratégica das esquerdas rumo à destruição dos fundamentos morais da civilização ocidental – como no caso da América Latina –, há, por parte desses grupos de extrema direita em ascensão em boa parte do mundo a construção de um escopo teórico e discursivo que identifica nas instituições científicas um instrumento de doutrinação e de guerra cultural (Silva, 2021b) conduzido por elites cosmopolitas, aliadas ao movimento comunista internacional, agora travestido como cultura *woke* (novos movimentos sociais pós-materialistas).

Entrevistadora: Há muitas evidências de que segue em curso uma articulação ou fortalecimento de organizações internacionais de extrema direita. Como você situa a recente vitória de Trump nesse processo?

Ivan Henrique Mattos Silva: Além do caráter evidentemente internacional da ascensão política e ideológica da extrema direita contemporânea, há autores e autoras que focam no caráter articulado dessa ascensão, como o caso de Christian Lynch (2024), que define o fenômeno como uma Internacional Fascista.

Teitelbaum (2020) também afirma que havia um trânsito bastante fluido entre alguns dos principais intelectuais orgânicos das novas direitas – mesmo entre campos que, do ponto de vista geopolítico, situam-se distantes –, passando por Olavo de Carvalho, Steve Bannon e Alexandr Dugin. Além disso, iniciativas como o *The Movement*, liderado exatamente por Bannon, reforçam o caráter internacional e articulado dessa concertação de extrema direita.

Entrevistadora: Fartas evidências empíricas indicam que a democracia comporta caminhos para a sua própria mutilação ou destruição. Na linha proposta por Levitsky e Ziblatt, com a ideia de violação das grades de segurança, quais seriam, a seu ver, os caminhos que mais nos aproximam da ruptura democrática?

Ivan Henrique Mattos Silva: A democracia liberal é, de fato, uma conquista civilizatória da humanidade, e representa um ganho qualitativo real para as classes populares. Entretanto, tal como no sonho de Nabucodonosor, ela se apresenta como um gigante com os pés de barro, já que se assenta em (pelo menos) duas debilidades estruturais: em primeiro lugar, apresenta-se como democracia pura, ou democracia universal (para todas e todos), quando, na verdade, realiza-se como democracia efetiva para apenas uma parcela da população, que é quem detém o monopólio dos meios de comunicação de massas, os recursos para as campanhas etc (Lênin, 2019); e, em segundo lugar, porque busca constantemente restringir a participação popular a um modelo de sufrágio concebido como mera chancela de elites em disputa.

Entrevistadora: Um traço recorrente dos movimentos extremistas é a capilarização dessas ideias na sociedade, ou seja, têm apoio e engajamento social, o que lhes rende, inclusive parentescos com o fascismo. Com você compreende essa questão?

Ivan Henrique Mattos Silva: Um dos traços constitutivos das novas direitas é exatamente a centralidade estratégica da disputa cultural como pré-condição para a disputa de espaços institucionais.

É aquilo que Daniel Friberg – intelectual neofascista sueco e figura importante para o campo – define como metapolítica.

Tal como no caso do fascismo europeu do século passado, as novas direitas se apresentam como um fenômeno de massas que aglutina uma miríade de forças reacionárias, cabendo, ao seu líder, engendrar a unidade possível (Melo, 2020) em torno da perspectiva de busca de regeneração social de uma realidade decadente e degenerada, por intermédio da retórica da destruição (Bignotto, 2022) de um mundo dominado por elites cosmopolitas, progressistas e materialistas, em oposição aos valores tradicionais do povo brasileiro – por sua vez, conservador e cristão (Silva, 2021b).

O imperativo da permanente mobilização popular por meio de sua ativação ideológica também é crucial à sua própria sobrevivência política. Aqui é preciso, todavia, atentar para uma diferença importante: o fascismo contemporâneo se assenta em um contexto de crise geral da forma partido (Bignotto, 2022), de modo que a mobilização das bases não passa, necessariamente, pela mediação institucional partidária (campo com o qual, aliás, as lideranças políticas do campo tendem a possuir uma relação bastante instrumental e fluida).

Entrevistadora: Ao mesmo tempo em que se fala muito de “guerra cultural”, eventos como o ataque ao capitólio, nos Estados Unidos, e o 8 de janeiro, no Brasil, revelam a presença e centralidade da violência nas estratégias dos extremistas de direita. É isso mesmo, política como guerra?

Ivan Henrique Mattos Silva: Além do imperativo de mobilização ideológica permanente de suas bases sociais, também estão presentes nas novas direitas o apelo a um ultranacionalismo difuso de base popular, o culto à violência (e ao sacrifício) e o: os dois primeiros são facilmente verificáveis a partir da tentativa de captura dos símbolos nacionais (Melo, 2020), traduzidos como a manifestação típica de uma expressão ideológica convertida em expressão *tout court* das respectivas nacionalidades, a partir da entronização da lógica schmittiana em sua relação com a divergência, e a partir, sobretudo, do discurso negacionista durante a pandemia de COVID-19, calcado na exaltação da defesa (até a morte) da liberdade contra o autoritarismo sanitarista (Guerreiro, Almeida, 2021); e o terceiro, por fim, compõe um elemento central para a compreensão do apelo das lideranças das novas direitas, isto é, a sua construção ideológica, discursiva e imagética enquanto intérpretes por excelência da vontade geral de suas bases, com as quais mantêm relações diretas, sem quaisquer mediações institucionais (Lynch, Cassimiro, 2022).

Entrevistadora: Guerra, aliás, que excede o plano interno e agora, com Trump à frente, ameaça escalar em plano mundial, favorecendo lideranças extremistas, personalistas e afeitas à violência como método político. Como você vê este cenário?

Ivan Henrique Mattos Silva: A relação entre guerra e política é um fenômeno estudado desde os primórdios da filosofia política, e assume, na modernidade, uma reconfiguração conceitual importante a partir da clássica afirmação de Clausewitz de que a guerra é a continuação da política por outros meios. Se, por um lado, o capitalismo nasce e se desenvolve umbilicalmente conectado ao colonialismo (e ao seu correlato ideológico, o racismo), igualmente é verdade que a guerra também sempre constituiu um elemento fundamental do processo de reprodução ampliada do capital. Essa dimensão é agudizada nos momentos de crise estrutural.

Entrevistadora: E sobre as resistências a esses extremismos? As esquerdas – muitas vezes ocupadas com a gestão do *status quo* - têm oferecido alternativas de aprofundamento da democracia ou deixam com os extremistas a bandeira antissistema?

Ivan Henrique Mattos Silva: No contexto brasileiro, a ascensão das novas direitas decorre do esvaziamento dos pilares ideológicos e estruturais que sustentaram o pacto da Nova República. Esse processo foi significativamente intensificado pelos desdobramentos da crise global do capitalismo em sua fase neoliberal, especialmente após 2008. No plano ideológico, a retórica do politicamente incorreto passou a ser instrumentalizada como estratégia discursiva, ancorando-se na visão de mundo difundida pela narrativa de Olavo de Carvalho. Essa retórica contribuiu para a desarticulação do consenso previamente estabelecido em torno de um léxico baseado em valores de inclusão e tolerância, discursivamente ancorado em uma fraseologia disruptiva. Essa apropriação simbólica permitiu que o movimento se apresentasse como protagonista de uma renovação histórica, atribuindo a Jair Bolsonaro a figura de um líder redentor capaz de encarnar, simultaneamente, a promessa de salvação transcendental e ação transformadora imediata (Silva, 2021a).

A esquerda hegemônica no Brasil, liderada pelo Partido dos Trabalhadores, revelou-se incapaz de responder adequadamente tanto à redução da margem de manobra política imposta pela queda dos preços das *commodities* — que intensificou os conflitos de classe e agravou a crise econômica — quanto ao surgimento de novas demandas oriundas de uma classe trabalhadora com características distintas das tradicionais. Essa limitação impediu a formulação de uma síntese histórica capaz de romper com o impasse instaurado, abrindo caminho para que os novos protagonistas da contrarrevolução no Brasil se apropriassem dos símbolos e do discurso da rebeldia e do descontentamento popular.

Entrevistadora: O identitarismo é força ou fraqueza nos enfrentamentos democráticos ao extremismo?

Ivan Henrique Mattos Silva: É importante que seja feita uma diferenciação entre as lutas sociais ancoradas, lato sensu, em pautas identitárias (isto é, a agenda de mobilizações que não se resume aos conflitos de classe, como os movimentos feminista e LGBTQIA+), e o identitarismo como aquilo que Barros (2024) define como um paradigma de gestão do capitalismo em crise, ou seja, uma apropriação liberal-competitiva do conceito de identidade – esta, sim, inofensiva e até mesmo útil ao próprio processo de reprodução ampliada do capital.

As identidades compõem um elemento fundamental para as lutas políticas, e qualquer perspectiva de luta que se pretenda democrática ou popular e não se atente ao modo como os distintos sistemas de opressão se articulam na materialização da dominação carece tanto de acuidade epistemológica quanto de organização estratégica.

Entrevistadora: Falando agora sobre o Brasil, na sua visão, como esses acontecimentos internacionais se conectam com a ascensão da extrema direita no Brasil?

Ivan Henrique Mattos Silva: No Brasil, a ascensão das novas direitas também se insere num diapasão de crise profunda da sociabilidade capitalista em sua fase neoliberal. A hipótese que sustento é que a raiz dessa ascensão é exatamente o ocaso da Nova República, enquanto um subproduto direto de sua crise estrutural, cujas raízes se encontram nos próprios fundamentos da corrosão do pacto sociopolítico costurado durante a reconstrução democrática entre as décadas de 1980 e 1990. Assim, a crise da Nova República não se resume a uma crise de natureza política, institucional ou econômica, mas deve ser compreendida como uma crise de hegemonia. Nesse sentido, o ciclo iniciado com o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e intensificado pela vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, em 2018, é um interregno, do qual o bolsonarismo, por sua vez, é seu principal sintoma mórbido (Silva, 2021a).

Entrevistadora: A expressão “novas direitas”, deixa entrever uma diversidade interna, uma heterogeneidade. Que variações ou tipos você identifica?

Ivan Henrique Mattos Silva: O conceito de novas direitas serve, ao mesmo tempo, para identificar a existência de uma miríade de diferentes expressões políticas e sociais e indicar que essas expressões estão, no entanto, intimamente conectadas por um fundamento ideológico comum: o novo conservadorismo liberal (Netto, Cavalcante, Chaguri, 2017). Embora o campo seja constituído de grupos tão diversos quanto militaristas, monarquistas, fundamentalistas cristãos, tradicionalistas,

anarcocapitalistas e supremacistas brancos, a concepção de mundo ensejada pela obra de Olavo de Carvalho compõe o *Weltanschauung* do campo.

Entrevistadora: O que há de novo nas direitas?

Ivan Henrique Mattos Silva: Para além do elemento conjuntural, a combinação de cinco características define a distinção desses novos grupos políticos em relação a configurações anteriores das direitas brasileiras: a centralidade da disputa cultural como condição *ex ante* para a conquista do poder político; o anti-intelectualismo, compreendido como uma rejeição das instâncias tradicionais de produção e legitimação de regimes de verdade – em especial, as universidades; o antielitismo, assumido como uma valorização ética, estética e epistemológica do homem médio e do senso comum – e, por extensão, a defesa do senso comum como um meio de obtenção de evidências analíticas; a instrumentalização do discurso “politicamente incorreto” enquanto retórica de resistência antissistema; e a síntese entre o conservadorismo moral e o imperativo de defesa irrestrita do livre-mercado (Silva, 2021a).

Entrevistadora: Os segmentos não extremistas da direita brasileira trocaram o fisiologismo pela ideologia? Ou, a julgar pelos usos das emendas parlamentares, estão atirando para todos os lados?

Ivan Henrique Mattos Silva: Um dos traços constitutivos da crise da Nova República – pano de fundo da ascensão das novas direitas no Brasil – é o ocaso da centro-direita, evidenciado pelo pífio resultado eleitoral do candidato tucano à Presidência da República no primeiro turno de 2018 (apenas 5% dos votos) e pela redução em 41% do tamanho de sua bancada na Câmara dos Deputados, e marca o avanço da decadência política e eleitoral da chamada direita envergonhada (POWER, 2000), que não conseguiu traduzir uma crescente – embora difusa – insatisfação popular, especialmente a partir de 2015, em capital político (Pinheiro-Machado, 2019).

O crescente controle do orçamento federal por parte do Legislativo, capitaneado por aquilo que Nobre (2013) define como a gramática do pemedebismo, deu à direita fisiológica novo fôlego, e, sua maleabilidade ideológica permitiu ao campo manter sua centralidade estratégica na política brasileira.

Entrevistadora: Olavo de Carvalho incentiva seus seguidores de extrema direita a mimetizarem estratégias e táticas das esquerdas com vistas à conquista de “corações e mentes”. O que isto significa?

Ivan Henrique Mattos Silva: Embora a nova direita brasileira tenha emergido com maior visibilidade no cenário público após as intensas mobilizações de junho de 2013, ocupando as ruas entre 2015 e

2016 e alcançando o poder Executivo apenas em 2018 — em paralelo à crise do lulismo —, sua formação remonta ao período de maior popularidade do governo Lula, entre 2006 e 2010. De acordo com Rocha (2018), esse movimento começou a se estruturar a partir da criação de um contra-público em espaços como grupos de discussão, redes sociais e fóruns online, nos quais circulavam pautas radicalizadas e uma linguagem irônica ou zombeteira. Essa atuação contribuiu gradualmente para a formação de um ambiente cultural propício à projeção desse contra-público para o centro da esfera pública nacional.

Se, por um lado, a identificação desses fóruns virtuais serviu ao processo de autorreconhecimento desse grupo, por outro, a aglutinação do campo em torno da figura de Olavo de Carvalho (sobretudo nas comunidades da rede social Orkut) permitiu que construíssem uma linguagem política capaz de dar sentido estratégico às suas posições ideológicas (SILVA, 2021b).

Entrevistadora: No Brasil, mas não só, igrejas e militares foram decisivos para o fortalecimento da extrema direita. Como explicar estas alianças?

Ivan Henrique Mattos Silva: Leimer (2020) sustenta que os militares enxergaram, na figura de Bolsonaro, um instrumento de recondução ao centro do poder de Estado após um relativo afastamento na esteira do processo de redemocratização. Ademais, os ideais de extrema direita possuem forte adesão dentro da caserna, como indicam Silva e Waldmann Jr. (2024).

No caso das igrejas – sobretudo (mas não somente) as pentecostais, há, aqui, alguns importantes elementos de afinidade entre a teologia da prosperidade e a cosmovisão das novas direitas: por se tratar de uma “religião intramundana”, a teologia da prosperidade atua como um sistema simbólico que não apenas confere sentido às ações dos fiéis, mas também os mobiliza para uma prática orientada, não pela transformação das estruturas de desigualdade — como propunham o cristianismo primitivo ou a teologia da libertação —, mas pela busca de ascensão individual dentro de um cenário desigual que é tomado como dado natural da vida social (ALMEIDA, 2019). Nesse contexto, as desigualdades deixam de ser questionadas e passam a ser, simultaneamente, naturalizadas e exaltadas. O empreendedorismo e a teologia da prosperidade, assim, configuram duas expressões complementares de uma mesma lógica: funcionam como revestimentos ideológicos da crise da sociabilidade própria ao neoliberalismo, refletindo, em nível superestrutural, o modo de acumulação capitalista periférica, marcado pela proliferação e normalização do precariado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. “Deus acima de todos”. In: **Democracia em Risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luis de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Polen, 2019.
- BARROS, Douglas. **O que é identitarismo?** São Paulo: Boitempo Editorial, 2024.
- BIGNOTTO, Newton. Bolsonaro e o bolsonarismo entre o populismo e o fascismo. In: STARLING, H. M., LAGO, M., BIGNOTTO, N., Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BROWN, Wendy. **In the Ruins of Neoliberalism – the Rise of Antidemocratic Politics in the West**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2019.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Editora Veneta, 2020.
- CHAUI, Marilena. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. Revista Teoria e Debate, jun. 2013. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2013/06/27/%EF%BB%BFas-manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em 10 maio 2025.
- COOPER, Melinda. **Family Values – Between Neoliberalism and the New Social Conservatism**. Nova Iorque: Zone Books, 2017.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Nova Iorque: Grove Press, 2021.
- FRESU, Gianni. **Antonio Gramsci, o homem filósofo**: uma biografia intelectual. Tradução de Rita Matos Coitinho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, v. 3. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião & Sociedade**, v. 41, n. 2, p. 49-73, 2021.
- HARVEY, David. **A Brief History of Neoliberalism**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.
- LEIRNER, Piero. C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda, 2020.
- LÊNIN, Vladimir. **Democracia e luta de classes**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- LYNCH, Christian E. C. A Internacional Fascista. A terra é redonda, maio 2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-internacional-fascista/>. Acesso em 10 maio 2025.
- LYNCH, Christian E. C.; CASSIMIRO, Pedro H. **O populismo reacionário**: ascensão e legado do bolsonarismo. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MELO, Demian. Bolsonarismo como fascismo do século XXI. In: REBUÁ, E.; COSTA, R.; GOMES, R.; CHABALGOITY, D. (orgs.). **(Neo)fascismo e educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

NETTO, Michel Nicolau; CAVALCANTE, Sávio Machado; CHAGURI, Mariana Miggiolaro. O homem médio e o conservadorismo liberal no Brasil contemporâneo: o lugar da família. **Anais do 43º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu: 43º Encontro Anual da ANPOCS, 2019. p. 1-18.

NOBRE, Marcos. **Imobilismo em Movimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior** – o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Editora Planeta, 2019.

POWER, Timothy. **The Political Right in Post-Authoritarian Brazil**: Elites, Institutions and Democratization. University Park: Penn State University Press, 2000.

ROCHA, Camila. **"Menos Marx, mais Mises"**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). São Paulo, 2018. 233 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVA, Ivan Henrique de Mattos e. Da Nova República à nova direita: o bolsonarismo como sintoma mórbido. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 24, p. 1-37, 2021.

SILVA, Ivan Henrique de Mattos e. "Liberal na economia e conservador nos costumes": uma totalidade dialética. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 36, n. 107, p. 1-19, 2021.

SILVA, Ivan Henrique de Mattos; WALDMANN JÚNIOR, Ludolf. O Projeto de Nação e o Weltanschauung da extrema direita militar contemporânea. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 16, n. 33, 2024, p. 314-351.

STREECK, Wolfgang. **Tempo comprado**: a crise adiada do capitalismo democrático. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

TEITELBAUM, Benjamin. **War for Eternity** – Inside Bannon's far-right circle of global power brokers. Nova Iorque: Dey Street Brooks, 2020.

TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo**: populismo e a extrema direita. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.